

CONGRESSO ACADEMICO

PUBLICAÇÃO MENSAL

REDACTORES:

Rodrigo Costa, Augustó Meira, Livino Madeira, Gonzaga de Arruda e Geroncio Carvalh,

ASSIGNATURAS:

TRIMESTRE 3\$000

Recife, 15 de Novembro de 1898

ASSIGNATURAS:

TRIMESTRE 3\$000

EXPEDIENTE

REDACÇÃO

Rua Paulino Camara n. 28
segundo andar

SUMMARY: —*Cair do panno*— Uma lei da historia, L. Leão. — *Poema intimo*, Augusto Meira. — *Ainda uma resposta*, Rodrigo Costa. — *A poesia no Direito Romano*, Alcedo Marrocos. — *Fundamento do conceito da pena*, Geroncio de Carvalho. — *A Eschola*, Meira e Sá. — *Les arbres qui pleurent* (versão), Augusto Meira. — *Chronica*.

CONGRESSO ACADEMICO

CAIR DO PANNO

Nec veteres agitantur orni.
Horatius.

Pugna mater rerum.
Heracitus.

In hilaritate vultus vita.
Proverbios.

Mais um anno de heroica vitalidade ao Congresso Academico proclama este numero pelo avido leitor saboreado.

Ainda bem.

Esta affirmativa, que certamente poderá ter sido impossível, significa entretanto a inmaleabilidade terebrante de uma consciencia, que se exalta, de uma verdade que impõe e avassala, de uma intuição que não vacilla, de uma conquista que é um facto, de uma aspiração que não morre.

Cada suicidio—dizia Balzac—é um poema sublime de melancholia. Nós, entretanto, sem pormos em duvida um momento sequer a alta penetração psychologica do grande romancista francez, longe de levarmo-nos por sua phrase, mais do que de verdade, recamada de encantos, somos arrastados a crer, a

affirmar vigorosamente mesmo, que o pretenso poema é o baque supremo de uma actividade que se dilue, é a debandada, não diremos heroica ou mesquinha como pretende-o o senso vulgar, pore n fatal, necessaria, de uma existencia, que se elimina por faltar em si mesma a força eliminadora das revoluções centrifugas, a valente synergia dos organismos validos e solidos.

E' por isso que não nos deixamos cair, á maneira do selvagem humilhado á predição fatidica do pagê, confiantes em uma apothese de lagrimas, de contrictas e de fastidiosas homilhas, mas unimo-nos, unimos, os nossos escudos sangrentos de combate, posemos em riste a lança fulminante que empunha o braço dos valentes, e fomos suspender os nossos arraiaes no chão resolveo dar refregas gloriosas, onde os clarins vibrantes das conquistas calorosa e galhardamente clagoam.

E' por isso, que nós, poema disseramos ao contrari, a vibração avassaladora dos corações masculos, que não se abatem, das almas que radiosas se levantam tranquillamente sorridentes, alicergadas em convicções intimas, em uma vontade, que não oscilla, que é a afeição característica, inalteravel de uma energintrinsicca, alimentada na teta vigorosa e exuberante dos principios, que ennobrecem e exaltam.

Não pretendemos entretanto dar um valor que não tem a concatenação de difficuldades— a esse circulo de Popilios, que uma serie de cousas, de malversações, irrisorias mesmo, pretendeu traçar em torno de nós. (Conticuere omnes) mas é indiscutivel que si outra medida de nosso valor não der o Congresso Academico, dará certamente a de nossa tenacidade, revigorada, é inquestionavel pelo efficaz concurso de nossos Mestres, em mantermos sem pretensão, é certo, mas sem receios descabidos a posição de honra a nós por dever competente.

Teremos porem conseguido levar o nome academico a altura, que justamente ambiciona, ao fastigio de suas grandiloquas aspirações? Não fosse a quasi pulverisação de nossa actividade em um sem numero de impecillos a vencer,

de deveres a executar e teriamos feito alguma cousa mais talvez. Entre tanto não acreditamos que ainda assim, mediante a convergencia mesmo inteira, mesmo completa de nosso vigor a aquelle desideratum, tivessemos podido ampla e elevadamente conseguilo. O lustre desse nome, tantas e tantas veses aureolado do prestigio e glorias é, pensamos nós, de uma exigencia, que não transige que não perdoa o seu golpeamento, nem será, confiamos, impunemente illudido. Ser academico é ser jovem; ser jovem, e estudar, é ter a alma contricta em alvas de recolhimento deante do altar esplendoroso e austero no estudo; pender deante d'esse altar é inflamar de luz os cirrus do cerebro, é sonhar com azul de montanhas de braços alongados no infinito immersos, é querer exalgar-se ao alcantil das alturas, é ambicionar refocilar na polpa volatil dos cumulos, é sentir a sede infinita, o indomavel e sequioso anhelio da communhão hyperdulica, lucilante das estrellas. Bem poderamos dizer com um escriptor illustre « Chimere si seduisante, en tout cas que sa beauté pent faire pardonner la folie de son amour. »

Ahi está o motivo porque duvidamos do que hemos conseguido, no meio dos atrictos, que obedecendo aliás a uma lei geral de mechanica, nos fraccionaram a actividade nos mincraram e trieturaram as forças. De certo falamos convencidos, e preferimos uma confição nítida e solemne, a que não podemos fugir, a fazer o ignaro papel d'aquellas tribus semi-barbaras, bestialmente contrictas deante dos seus fetiches, ou das que no dizer de um escriptor celebre congoxosa e estridulamente se banqueteiaram deante de uma lança, que pusilanimnes manejam.

Não quer porem isto diser que desvairamos, que alvergüemos nos meandros de um desespero insanavel— resultado certo dos contrastes, da antithese entre as grandes, as rubras, as poderosas, as enormes aspirações e a falta, a inercia, a pobreza de um solo apto ás contrições relativamente desmesuradas e hardidas. — Bem poderamos agora ajoelharmo-nos desvairados na encosta d'esse sonho descomedido, como em tempo scuhara-o o filho de Ulysses

na base de uma montanha que lhe gemeu no deserto. Poderamos esgarçar as asas tremulantes de nosso espirito, deixa-las planar exanimas entre dois fios intangíveis, que a librassem entre as serranias longinquoas do passado e o vasto coração do porvir: entre dois fios intangíveis que a fisessem pairar em extases idilicos, entre as alcantiladas cimas dos zeniths cinereos e as boquiabertas e taciturnas faces insaciaveis no Nadir profundo. — Neste particular no advem-nos o subido e penetrante conselho de uns grande phylosopho:

« O homem sabio não olha a fé, que leva em si como um accidente sem importancia. Manifesta sem temor a verdade suprema, que percebe. Sabe, que então, o que quer que venha a tornar-se, exerce seu verdadeiro papel no mundo: sabe que si leva a effeito a alteração querida, é bom: si succumbe, embora menos, é sempre bom. »

Seja-nos permittido, porem, agora quando a respeito de nossos trabalhos d'este anno, poderamos dizer com o poeta:

Et jam summa procul vilarum culmina fumant,
Majores que cadunt altis de montibus umbras,

seja-nos permittido, disemos, aqui das collinas onde pousamos, sombreadas ao sol poente, lançar uma vista retrospectiva, alongar a nossa imaginação sobre a seára, com que cuidados viemos fecundando o chão de nossa passagem: seja-nos licito recolher no mysterioso abandono dos estases o rythmo heroico, a sonoridade immorredoura, o cantico solemne da revolteante lustral de nosso pensamento nos anfractuozos despeinhadeiros d'esses tres longos annos de peregrinação hardida.

Ha tres annos (tres annos já adormecidos na occidua allombra do passado e que fazem despertar, gemer bem cedo no campanario de nossa alma o sino vespéral da saudade!) ha tres annos, repetimos, um punhado de moços meditou, renniu-se, deliberou e essa deliberação foi um outro Moysés a levantar o espirito academico, a alma radiante e pronuba da mocidade contra o captivo do indifferentismo, da apathia, da inercia -- essa physionomica synthese do temor -- essa feição typica de almas desoladas e vãs.

Estava roubado o fogo do céo, e espedagando os velarios do abysmo desencadeou-se o Fiat-Lux -- a predição mysteriosamente insondavel do florir de novos tempos, -- alma parens de progressões futuras.

A vetusta Faculdade acabrunhada ao peso luminoso de suas decantadas tradições, como já o disse alguém a respeito da cidade Eterna, sentio perpas-

sar-lhe os ossos na phrase biblica a vibração poderosa das sensações, que fecundam, e em delirio viram-se abroilhar os pampas do rejuvenescimento, vio-se a enersão immediata, instantanea de entusiastas iniciadores de sulcos luminosos a novas plagas de onde trariam dos alçados jardins de uma natureza virgem fructos onde se crystalisára o licor embriagante da sciencia, dos oceanos do labor as perolas preciosas de uma arte vigorosa e rutlia, repassada de inspiração, soberanamente altiva, burilada nas officinas fulvas de um pensamento masculino desabrochado ao calor intensamente fecundo de um sol mais livre, mais des'umbrante e mais fascinador.

Estava dado o primeiro golpe á somnolencia medieva, tristonha e funereamente porejante das barbacans ruinosas de uns decadismo sem nome.

Si divergencias, porem, não se fizeram esperar, outra cousa não podia acontecer quando no seio daquella nebulosa apparecessem em antagonismo as pretensões inconciliaveis (quantas vezes estultas) da alma academica -- esse terrorizante e indomavel explosivo.

Isso porém não impedio e nem podia impedir a concretisação do movimento, que se fez centro, que avassalou e fez orbita no céo invadeavel de nosso meio até então insulso e desorientado.

Nós fomos pacientes, ou melhor, nós fomos de uma tranquillidade augusta e soberana; nós esperamos pela destruição dos elementos antitheticos, nesse recolhimento silencioso e fecundo, que de mysterios envolve as metamorphoses longas, alentadas na intuição revivescente de um dia se expandirem no azul.

Amadurecida ao calor proprio do estio rouba ás palmeiras a glande polposa a ave de passagem pue os vendavas ao longe conduzem. As ventanias soluçam e se calam; a glande exotica resvala e rola na areia inerte, que acolhe o solo infecundo e sombreado de lianas; os animaes damnhinhos a repisam e maculam.

No entanto a semente engasta-se na terra e conscia de que thesouira um sem numero de aptidões e de vida ou melhor obedecendo a lei mysteriosa de uma renovação a que não pode fugir, aguarda o rocio fecundante de inverno: e o orvalho desce, desce acordando pululações sem numero e suggestionada pelo concerto maravilhozo em volta de si desenvolada, germina a escondida semente. Enfraquecida e titubante, sente roubar-lhe os beijos do sol, o carinho melifluido das auras peregrinas, a esguia ambição dos parasitas, que embora n'ella se arriem, a acabou hã sem piedade. A ten-

ra palmeira espera, cre e vive. O sol desfolha os parasitas que o não supportam e a planta que é filha do sol, que vive do sol, que se levanta para o sol se revigora e cresce. E assim por uma serie de rejuvenescimentos muscula-se todos os dias, até que em fim por um impulso a que não pode fugir, porque os destinos teem seus sulcos, a concha de seus moldes, ella vence as tropelias, que a prosternaram tanto, mas não a humilham nunca, e vigorosa e grande altaneiramente desfralda aos encantos fulvos do céo o cantico esplendente de sua plumagem ondulante e magnifica, a sua coma de murmurios idyllicos, de uma flexuosidade vaporosa de sonho, de languidos e piedosos ademanos de esmeralda e pipilos.

Assim fomos nós somos e se-lo-emos na prosecução de nossa tarefa, de nosso itinerario ascendente, até que do Abarim de nossas progressões, a outrem possamos indicar, de longe ao menos, a Canaan de nossos anhellos, a terra promettida de nossas aspirações.

« O genero humano, disse um dia Voltaire, tinha perdido os seus titulos: Montesquieu os reencontrou e lh'os entregou »

Relativamente a aquelles tempos grandemente decadentes, pesadamente abhorridos, nos diremos o mesmo a respeito da proverbial vitalidade academica. A alma da mocidade, desengonçada, erradia inconsciente e quasi morta, funereamente luctuosa, parecia sinistra e anciosamente invocar a inspiração longinqua, aguerrida dos oceanos glaucos a se esbaterem terebrantes na base melancolica do seu Calpe de agonia, de pesadelo e brumas, de decadencia e lucto de torpor e desespero. O Congresso Academico si não po de ainda restituir os seus titulos foi entretanto, d'esde então e para aquelle intuito, a primeira a mais nobre, a mais elevada tentativa.

Podessemos nós em boa hora reunir em torno de nós todo o vigor esparso e por isso mesmo infecundo de toda aquella mocidade!

O que nós fizemos não precisamos dizer-lo: basta levarmos o leitor curioso ás paginas despretenciosas, mas de certo porejantes de sinceridade, como pedaços de nós mesmos, no dizer de um de nossos maiores cantores, deixados, na sombria floresta, na invia espessura de repetidos embates, de difficuldades constantes, pulverisadas apenas com a affirmativa de nossa individualidade.

Jamais fugimos, jamais descemos, jamais deviamo-nos, dizemo-lo altaneiros da faina existencial, que o nosso proprio modo de ser nos impõe.

Liberdade ampla a todas as questões graves e serias houve sempre no meio

de nós. Qualquer que fosse a tendencia scientifica ou artistica dos que conosco viveram, nunca lhes foi interposto o menor embaraço, e quando por ventura chegou elle a transluzir no seio de alguma alma particularmente mais acahlada, semelhante pretensão foi sempre destruida, eliminada, pela vigorosa turbina da collectividade. Si assim aconteceu de principio, ainda nos ultimos tempos mantivemos escrupulosamente o nosso compromisso.

Aqui todos os assumptos foram desentidos, explanados com a hombridade tranquillidade dos convictos. E nem poderamos agir differentemente, levando contrapesos a alma da mocidade que trabalha e se esforça. Procedendo assim não fizemos sinão ao menos indirectamente contribuir para maior expansão e mais largo desenvolvimento intellectual dos que trabalharam conosco tornando assim o mais forte possivel e resistente a tempera das faculdades superiores do homem, no sabio dizer de Bue—a arma poderosa do futuro.

E, realmente, n'estes ultimos tempos, de feito bastante gloriosos nos fastos humanos, quando os espiritos de elite parecem estar de infusão no oxigenio vivificador de ideias mais largas, ideias novas, restructoras do edificio scientifico anterior, de ideias que serão irrevogavelmente a clava herenica a desconchavar os castellos do preconcebido, as bastilhas do erro, secularmente erguidas ao pensamento humano, hoje, quando modernas e mais legitimas concepções do mundo e do homem, de todos os seres em summa parecem ter de produzir em tempo mais ou menos remoto o effeito vigoroso dos projectis vindos de longe, de longe impulsionados, não podiamos, disseramos nós, deixar de consentir na esplendente crystallização das ideias, que fatalmente hão de sera almada reconstruções iminentes, de remodelamentos vivos, o sopro animador de novas formulas, naturalmente chamadas a substituir, as que a longevidade tremula e a força perecivelmente avassaladora dos tempos fizeram perder todo o vigor e todo o prestigio.

Não sabemos dizer si são as necessidades angustiosas e lincinantes das massas, incompativeis com um presente, fructo levedado de um passado que já não serve, que faz originar-se o espirito candescente dos philosophos: ou si é a palavra convictamente inflamada d'estes, que põe ao sol do pensamento humano os herpes das esquecidas contorções sociaes, arrastadas, rastejantes no latibulo dos ergastulos, fazendo surgir no seio dynamico d'essas massas, a necessidade de fugir á ardencia minaz e esterelisação dos desertos ermos em busca ansiosa de murmurios e alfombrã.

As causas muitas vezes fazem-se effeitos e vice-versa, ou melhor, no dizer de um psychologo illustre não existem causas essencialmente distinctas do effeito, isto é, a causa de um effeito foi o effeito de uma causa que o precedeu. Assim uma e outra cousa nada mais é do que uma feição especial, necessaria a nossas explicações, porem derivada de uma motivação sem termo, a qual ainda n'odizer de alguém constantemente nos foge na mysteriosidade suprema de um symbolo.

Os pequenos gemidos fazem enflorar-se a piedade que enchuga o pranto: os gemidos profundos fazem abrolhar a piedade que chora tambem; as magoas eternas, as dores insaziaveis porem transformam-se na actividade que desespera, não conscienciosamente, porque não ha consciencia nas anomalias profundas, mas fatalmente, necessariamente. Do mesmo modo os pequenos ensinamentos so parcialmente convencem e não demovem, os mais largos fazem agir, é certo, mas si de gradação em gradação seguimos teremos que os ensinamentos masculos, produzindo repassamentos viris, são capases de remodelações profundas e completas, de alienações mesmo. Deem-se as mãos os dois fluidos e veremos a coruscante, irreluctavel, a pavorosa e grande espiral furibunda de seus anhelos a levar de vencida as tropelias do erro, as abjecções amontuadas.

Si a revolução de 89 nada mais foi do que, ao lado das exigencias de então, a flor, o fructo, do movimento philosophico, que d'esde Kant se accumulava aguerrido nos horisontes humanos, a poderosa vitalidade de generalizações fecundas, a onda recrescente do pensamento, que de todos os lados hoje se accorda na condemnação dos erros passados, ha de produzir os seus effeitos. Nós presentimos abrolharem nos hombros dos horisontes os batalhões gigantes da idea, á semelhança d'aquellas hostes formidandas, que precédis da poeira que as annuncia, no bello dizer de Fenelon, das cuniadas do Acragas se despenhavam sobre os alquebrados e foragidos restos de Ilion. E d'esta vez não são menos validos e numerosos os protagonistas do movimento excelso.

Por outro lado não podiamos oppor-mo-nos a quaes quer outras manifestações, mais ou menos conservadoras, as quaes são de feito uma necessidade imprescindivel—o facto enorme que estonteia as cavalariças relichantes do desregramento e da licença. De certo as commoções subitas e rapidas produzem uma alienação individual e os movimentos sociaes inexperados nada mais são do que verdadeiras alienações collectivas. E nós verificamos que si as novas ideias postas em effectividade pratica não produziriam graves abalos na conscien-

cia de homens sabios, o mesmo não se dá quando se tracta de reformas vastas que devem abraçar consciencias amadurecidas, ao sol de um credo, e que são immediatamente remodeladas, ou antes obrigadas a se affeioarem a um modo de ser essencialmente diverso, e não de accordo com a aptidão que em si fez surgir a elaboração da seiva primitiva. Mudar esse modo de ser essa feição typica originada na escadaria das progressões anteriores é como diz um dos maiores philosophos dos ultimos tempos "arruinar os edificios que ali se erguem." Ha por conseguinte necessidade de uma profilaxia, mesmo rigorosa, que não deixará de ser fecunda e que a maneira de verdadeiras molas, de flacidos acolchoamentos serve de arrimo, de empecilio efficaz a um embate, a um desmoronamento antecipado e terrivel sem duvida.

Nós nos mantivemos sempre n'essa posição consciente e verdadeira de braços sempre abertos a livre corrente das ideias que se degladiam no campo da intelligencia. Nós fomos o Quos ego, na tempestade dos oceanos e fomos enfim arrastados pelo desejo legitimo, indeclinavel para nós, de no dizer de Virgilio "componere fluctus."

Hoje quando trabalhos imminentes fazem-nos apello aos arraiaes de um dever que não trasige—a necessidade de fazer-mos com o nosso aproveitamento a glorificação da alma quasi paterna de nossos Mestres: nós, a todos aquelles, que, onde o acaso fez resvalar o nosso periodico tiveram para conosco sentimentos, da affeição amiga e boa, sempre a florir nos corações longinquos, torturados de amor, de carinho e de saudade, enviamos as nossas saudações o secreto poema de nossa dedicação e de nossas legitimissimas pathias.

A toda imprensa do Paiz, do extremo norte ao extremo sul, cuja visita assidua nos foi sempre occasião de regosijo e alento, á aquella ainda, que levada de uma benevolencia extrema chegou a fazer transcripções de alguns de nossos trabalhos, já em prosa, já em verso nós lhe accentuamos, toda a estima, toda nossa gratidão.

UMA LEI DA HISTORIA

Um dos espiritos, que mais concorreram para a orientação historica de Montesquieu e fundação consequente da eschola historicista por Savigny, Vico, entre as ideias com que collaborou na elevação do pensamento, legou-nos a dos *ricorsi*, reprodução social de epochas anteriores por epochas posteriores.

Hoje que a logica chama as formulas de desenvolvimento social, leis evo-

lutivas, a ideia de Vico é uma lei social; e como a evolução social é hoje uma verdade indellavel e suppõe-se geralmente que os *ricorsi* negam um dos caracteres da evolução, o progresso, concluem pela falsidade desta lei; e o grande pensamento de Vico, passa desaperecebido no mundo das ideias como muitos outros doutros philosophos cujos genios avançaram não só a sua como a nossa epocha.

Mas a verdade é um só e que por mais distanciado que esteja um dia ha de ser observado pelos incansaveis investigadores da natureza. Já Sumner Maine reconheceram a veracidade de reprodução das instituições de Roma primitiva pela idade do Meio e Guiseppe Carle mesmo confirmo-o.

A lei dos *ricorsi* porem teve para Vico, como para Sumner Maine, uma extensão exagerada, applicando-a elles á povos semitas e arianos; e tem para os mesmos como para Carle um caracter exclusivemente empirico: formula de desenvolvimento social sem theoria de sua causação. Quando Vico e Sumner Maine tentam como theorista Littré explicar a lei ou como fazem os logicos dar-lhe a causalidade é para cahir no abysmo onde a vertigem tira-nos a consciencia e a sua concomittante lucidez.

Pensem outros que possam no Absoluto.

Pela minha parte quando insisto em concebê-lo, tenho a vertigem como resultado unico. O providencialismo desses autores não tira á lei dos *ricorsi* seu caracter empirico, como não lh'o tira o fundamento psicologico de Guiseppe Carle, alem de falso mal elaborado.

A lei de Vico porem tem um fundamento, que é a identidade de espirito na raça ariana.

Os arias, este povo que a linguistica restaurou, e cuja restauração a sciencia do direito comparado vae alargando, emigraram tres ou quatro vezes para a Europa e duas para a Asia, de payeses que a sciencia ainda desconhece.

Indios e Persas na Asia celtas, gregos, e Italiotas, Germanos e Lithuanos Slavos na Europa foram arianos.

Os arianos asiaticos sujeitos á condições cosmicas diversas dos europeus intercallados entre povos simitas e turanianos seguiram uma civilização differente da europea cujos arianos tiveram pela frente talvez as raças de ganstadt e de Cromacion que desapareceram pela sua inferioridade, a semelhança dos indigenas da America e da Australia ou foram encorporados, depois de submettidos e transformados, como aconteceu aos Thetes e Pelades gregos e aos *plebei* romanos e aos litigermanos.

Os celtas estão fora de combate pe-

la pouca lucta que travaram, pouca influencia que tiveram sobre outros povos, facil submissão aos recémvindos. Os lithuanos Slavos tambem estão no mesma linha pela incommunicabilidade de suas civilizações até a epocha moderna.

Gregos, Italiotas principalmente romanos, e Germanos foram os nossos progenitores.

Esses tres povos sahidos da raça mãe em tempos posteriores as emigrações dos Celtas e anteriores as emigrações lesiaticas dos Indus e Perças e europeas dos Lithuanos Slavos, levaram para a Europa a mesma raça ariana no mesmo estado de civilização, a patriarchal, modificada já pelas guerras das emigrações, como demonstrou Ihering no seu bello e infelizmente inacabado livro Indus Europeus antes da Hestoria. Assim a identidade das condições cosmicas permittin a persistencia dos phenomenos psychicos identicos, e esta determinou a semelhança das evoluções sociaes.

Do regimen patriarchal esses tres povos passaram ao regimen guerreiro, no seu estabelecimento na Europa.

O phenomeno foi facil pelas transformações dos costumes patriarchaes para guerreiros nas emigrações. A emigração foi uma transição do regimen patriarchal ao guerreiro. É a epocha da monarchia guerreira erroneamente chamada familiar nos Gregos, Romanos e Germanos (Invasões) uma das quaes, a romana foi restaurada em seu verdadeiro caracter por Ihering em seu Espirito do Direito Romano.

O povo tornou-se exercito na paz e na guerra, principalmente em Roma; e de compoz de duas castas, a dos vencedores e a dos vencidos que não foram escravizados ou exterminados e que constituiram os *Thetes* ou *pelates* gregos, os *clienti* ou *plebei* romanos e os *liti*, *aldeoni* etc. germanos. Esses ultimos foram apenas mais felizes pelo patrocínio do christianismo que mudou a escravidão em servidão; pela fascinação de sua civilização que submetteu os barbaros e finalmente pela elevação de sua legislação que ensinou-lhes a legislar e a julgar principalmente em materia de politica e de obrigações.

Do regimen guerreiro estes tres povos passaram ao regimen politico. Serviu de transição a republica aristocratica, na Grecia e em Roma e a instituição dos Feudos na Edade Media. O povo vencedor passada a guerra e necessidade da realza guerreira, eliminou-a ou annullou-a. Só em Inglaterra o phenomeno não realisou-se por causas que já exporemos. Tudo ali é de caracter anterior. O Direito Grego, o Jusquiritarium e o Direito Feudal por exe. O Direito Feudal estava já organizado anteriormente pela realza guerreira com a base das *leges barbarorum* e das *leges imperiales* bebidas

no Direito Romano e no Canonico. O povo persiste dividido etc.

O povo tornou-se uno, sem a dualidade das castas do direito etc., no regimen politico. Em Athenas, a transformação foi completa não obstante a lucta dos partidos; em Roma tambem não obstante essa lucta entregar o governo ao imperialismo. Na Edade Media é que a cousa varion.

Em Italia a transformação foi completa. Na Inglaterra a realza, a nobreza e os villões equilibraram-se, dando em resultado as cartas constitucionaes, successivas. No resto do continente as cidades apoiaram a realza annullada contra os Feudos e os abateram. Não ha alli republica aristocratica, nem democratica, ha realza aristocrata e aristocrata-to-democratica.

O direito unificou-se ou tendeu para sto. Unificou-se na Grecia e em Roma.

Tendeu para a unidade na Edade Media porque as cidades tiveram o caracter de Feudos.

Do regimen politico esses povos passaram ao regimen industrial em Roma e na Edade Media. Não na Grecia pela conquista macedonica. É a epocha do imperialismo romano e do monarchismo absoluto do continente. Só a Inglaterra, onde a realza não foi annullada pelos Feudos e estes não foram desbaratados pelos municipios conservou as phases anteriores modificadas sempre pela nova phase social, governo junctamente patriarchal, guerreiro, politico e industrial, povo onde imperam todas as forças historicas, todos os elementos successivos.

O espaço não nos permite expor systematicamente esta idéa que ali deixamos, por assim dizer por, saltos.

Devemol-a á Ihering e á Spencer.

Ihering suggeriu-nos os principios sociaes da familia e da guerra, de envolta com os do individuo e da religião, que despresamos, porque o primeiro, se bem que manifeste-se pelos productos juridicos da Justiça privada em todos esses povos, precede ao da familia em cuja phase encontramos os arias e donde sahiram os indoeuropeus, e o segundo se bem que nos Indus e Persas, da Asia tivesse succedido ao regimen guerreiro e embaraçado o apparecimento do regimen politico, na Europa não teve a força de constituir um regimen, pela guerra e seguinte emulação de povos da mesma tempera que levou-os ao equilibrio social do regimen politico.

Spencer suggeriu-nos o regimen industrial.

Fomos adiante um pouco, fazendo mediar entre os regimens guerreiro e o industrial, o politico, porque é este phenomeno e não a guerra, ou industria que movimenta estas phases na Grecia, em Roma e de algum modo no Municipalis-

mo principalmente de Inglaterra e de Italia.

Tambem não paramos no regimen industrial. O prolongamento do regimen

politico na Inglaterra propagou-o finalmente á sua colônia americana donde passou á França, donde irradiou para todo mundo civilizado no constitucio-

nalismo monarchico e no republica-

Laurindo Leão.

Poema intimo

A MEU PAE

... curas his demere dictis

Virgilio.

Quando alta noite, silencioso e mudo,
Troco a armadura asperrima do estudo
Pelos arminhos de meu pobre leito,
Meu Pae, tua lembrança é a primeira
Axe do céu, que desce alvicaireira
Ao ninho de meu peito!

Não me falta jámais!... Quando ella desce
A mim, nas azas candidas da prece
Vôa minh'alma fervorosa a Deus!
A Deus!...—essa voragem do intangivel
Tantas vezes ruente, inacessivel
No amago dos Céos!

E, eu, que em pavor á borda dos scismares
Em pesadelos clamo: «Ermos algares,
Escombros frios, brumas, cataclymos
De mundos, sois do Nada os ossuários,
Vós sois, oh céos, os lividos sudários
Desse esquiife —os abysmos....

Oh!... n'essa hora intima e secreta,
Solitaria da noite, como a setta,
Que no alvo oscilla alteio-me ao Senhor!
E o floreo véo de uma oração florida
Rouba aos meus labios tremulos, da vida
O gelido amargor...

Então, nas azas do scismar, dispersos,
Ebrios, a ti, dos intimos recessos
Do ser, febris os pensamentos voam...
E, como as brisas flebeis nos baledos
Vão recolher os limpidos segredos,
Que em teu seio abotoam!

E eu julgo ver-te solitario, immerso
Em profundo scismar, solto, disperso
Enlaçando longuiquos infinitos....
Como a luz dos fanaes colmando em perolas
Do mar as ondas, que alcatifam cerulas!
Os asperos granitos!

E pareço te ouvir fallar: «Distante
Onde paira o meu filho? (e n'esse instante
Nadam teus olhos rutilos em pranto)
Por que o vejo a desvairar de anhellos
Longe!... longe de mim, dos meus desvelos,
De meu amor tão santo?!

«Oh que insania!... falar a uma creança
De Ideal e de Gloria!... E eterna a lança
Das sacras ambições lei dei!... e eu mesmo
Apontei-lhe o Porvir, e desgarrada
Vi-a, immovel, seguir rugosa á estrada
Entre os lichens a esmo!

«Não terei sido avaro de carinhos?!...
Guardam os vergeis os languês pasarinhos,
E eu fil-o seguir, miserrime! após
O sonho enorme que enleoscu-me as crangas,
—Gloria!—miragem de arvôres suspensas
Em lagos de arreboes!»

N'esse instante, eu presinto! em quanto ardentes
Bulham fugaces, voam caudescuentes,
Teus delirios de amor... teu coração
Insondavel, mais doce que um abraço,
Presente um astro, que recorta o espaço
Em meio a cerração!

E redivivo dises, inflamado
Nas fragoas d'esse amor illimitado,
Que so enflora um coração de Pae!
«Por que desceis, oh lagrimas baldias?
Co'as phalenas broslai-vos de alegrias
Minh'alma, e revoai!

«Eu o vejo feliz, como as selvagens
Aguias, alar-se ás grimpas... ás voragens
Rir... á avalanche insolita do mal!
D'entre os curriculos da peleja, ufana
Sinto erguer-se-lhe a fronte soberana
Erguida e triumphal!

«Vejo-o de escopro em punho altivamente,
A coma esparsa, apaixonadamente
Talhar o verso a cantaros! de plumas
Como Horacio vestir-se... como as vagas,
Que se debulham tremulas nas fragas
Em petalas de espumas!

«Vejo feliz, na curva do horizonte
De sua erguida, poderosa fronte
Um alvorecer de canticos!—disperso
O debuchar idyllico de mundos,
—Poleus do céu, largados, vagabundos,
Perolando o universo!

«Em su'alma pompeiam cordilheiras
De aspirações, onde aguias altaneiras
De asuleos sonhos se debruçam grandes
Como os condores, que esvoaçam ledos
Sobre os erguidos, asperos fragedos
Nos pincaros dos Andes!»

E.... sorris!... e n'um languido abandono
Sentes descer em amphoras o somno
N'um um santissimo osculo de Deus!
A tua bençam vôa-me benedicta,
Dormes... e a téa rutila, infinita,
De teus sonhos são meus!

Tal, oh meu Pae, revês-me!... e delirante
Eu revejo-te!... Exanime, distante
Quando alta noite me reclino e deito
Busca-me o teu scismar com anciedade,
E o meu scismar é um iris de saudade
Em volta do teu leito!

Recife, 11—7—98.

AUGUSTO MEIRA.



Ainda uma resposta

Não pretendíamos voltar á lide, mas como Pereira da Costa Filho veio no *Commercio de Pernambuco* de 9 de Outubro com um artigo em que vangloriava-se de ter desbaratado « o sumptuoso templo que o futuro bacharel tentára erigir em opposição á sua missiva publicada no *Amazonas Commercial* de 26 de Julho proximo findo » julgamos necessario accentuar claramente alguns pontos que não foram comprehendidos pelo distincto confrade, e patentear á luz meridiana a falsidade e absurdo de suas opiniões.

O supposto ou real amor pela melhora das condições do operario que ostenta o socialismo aggrava e peiora a chamada questão social ao em vez de resolvê-la.

A tenacidade da propaganda socialista, o furor tigrino com que lança-se em campo, subvertendo e corrompendo os corações, enchendo a imaginação dos homens das fabricas e das minas de fallazes utopias, incitando-os a toda sorte de inveja e odio contra os que, por uma hyerarchia logica que existe em a natureza, lhes são superiores, devem ser tomados em consideração por todos os que, por sua autoridade, competencia e prestigio, possam embar-lhar-lhe os passos.

Esta nova especie de *philantropos*, calcando aos pés a caridade, a delicada flor dos sentimentos bons, procura irritar as grandes dores que minam o coração humano, applicando-lhes de preferencia o vinagre ao balsamo.

Em vez de dizerem ás massas ignaras que os ricos tambem em seus sumptuosos palacios soffrem os mesmos desgostos e ás vezes mais do que o humilde tecelão, pois o prazer e a dor, a necessidade e o desejo são partilha da humanidade, elles affirmam impudentemente, não tendo em attenção o bom senso que diariamente está vendo a confirmação dessa verdade universal, que o luxo e a vida confortavel dos ricos são a causa da miseria e mal das classes pobres.

Os effeitos perniciosos da propaganda socialista já estão claramente debuxados nos terribes males que assolam a sociedade contemporanea, na inefficacia irremediavel das suas reformas e sobre tudo, ainda que tudo fôsse bom nessa theoria bastava para infirmal-a de vez, alijando-a por completo da exequibilidade pratica, a sua poderosa contribuição para a expansão do anarchismo.

Os anarchistas não são senão mancos socialistas, na expressão incisiva do Barão de Garofalo. (1)

(1) La Superstition Socialiste pag. 189. Tradução franceza de Auguste Dietrich Paris 1895.

Um é o cerebro que pensa, outro é o braço que executa, um é a palavra que persuade outro é a bomba que explode levando a morte cruel e injusta a tantas creaturas boas.

Um e outro, porém, sobre qualquer modalidade que se revistam (anarchismo theorico, socialismo scientifico, de cathedra, revolucionario, etc.) tendem para um ponto convergente, se accordam uniformemente na destruição completa da actual ordem social.

A chamada questão social não se limita ao estomago no sentido estricto da Economia Politica, mas é um problema complexo que abrange o homem nas suas multiplas aspirações e tendencias.

Para os que vem os factos da Historia nos seus antecedentes, nos seus motivos, para os que estudam a *causa emergens* dos grandes acontecimentos humanos, o conflicto entre patrão e operario entre capital e o trabalho não tem sua origem somente no acanhado conceito economico do valor ou do salario que por ventura se queira dar.

É um erro fazer depender a moral e o direito da simples estrutura economica de uma sociedade.

Si é verdade que as primeiras mifestações da vida se iniciaram pela necessidade de procurar o alimento, de trocar o que abunda n'uma zona pelo que escasseia em outra, não é menos verdade que o homem, chegado a um certo estado de desenvolvimento, descortina outros horisontes e ve emergir na sua consciencia os preceitos moraes e juridicos disciplinadores da sua conducta, reguladores das suas relações sociaes independentes dessa rudimentar eclosão do instincto de conservação.

Uma moral que varia de parallelo a parallelo, de seculo a seculo como as estações do anno, como as opiniões dos homens que hoje acham justo o que na vespera era injusto, é um exotismo em philosophia contra cuja supposta variabilidade protestam a estabilidade e o granitico vigor de principios moraes tão antigos como o mundo que ainda hoje na aurora do seculo 20 constituem o substratum das instituições e das leis.

O processus evolutivo engendra sentimentos estaveis porque ha condições estaveis de vida social, segundo pensa Herbert Spencer.

Entretanto o socialismo quer a eliminação dessas condições estaveis de vida e inventa uma moral contraria á propria lei da evolução, sophistica na sua enunciação e inexequivel na sua objectivação pratica.

Não pensavamos que o confrade do *Commercio de Pernambuco* desse o seu apoio ao anarchismo, a essa seita infernal contra cujas tramas as nações da Eu-

ropa se colligam para extirpar do seu seio.

Si é esta admiração pelos excessos bestiaes de uma seita anti-civilisadora que constitue a democracia que o collega apregoa como unica compativel com as ideias da mocidade, fique-se com ella porque não encontrará echo no bom senso, precipua característica de toda sociedade bem organizada.

Como é que um moço faz apologia do assassinato, da democracia do punhal, da demagogia na sua phase mais selvagem e indisciplinada?

Não lhe causam horror os assassinios frios e cruamente commettidos pelos Lucchesi, Caserio, Ravachol e Vailants?

Esta peste peor que a bubonica não deve ser levada á conta das republicas ou monarchias, das formas politicas que vigoram nos paizes cultos.

É um problema complexo, não ha duvida, a chamada questão social; mas vendo o facto um pouco mais do alto, estudando o estado de espirito das massas necessariamente se encontra a causa primigenia desse mal estar geral que explode medonha e irresistivelmente.

Sendo a questão social um problema complexo elle só pode ser resolvido attendendo-se a todos os seus elementos.

Mas de todos esses elementos ha um que é propositalmente esquecido e contra cuja inilludivel efficacia se levantam não só as armas dos agitadores dos comícios socialistas, como de todos os que impam de *meia sciencia*, crocitam de um pretenso modernismo emancipado.

É um elemento contra o qual se erguem a chufa e sacasmo dos ignorantes e superficiaes; a apotheose e glorificação dos pensadores e sabios e que o nosso insigne Ruy Barbosa sublimisa na sua alcandorada phrase inimitavel— « o sentimento que nas resistencias providenciaes da liberdade contra a tyrannia, das minorias intelligentes contra as maiorias retrogradadas, é o supremo appello, o grito estremo dos opprimidos, ao sentimento que no coração, se entretece a todas as emoções generosas, que, no espirito, nos representa o signal da divindade em nós, que, na consciencia, influe ou julga, todas as nossas resoluções com a perspectiva, as esperanças e a justiça de uma eternidade mysteriosa— o sentimento religioso. »

A odienta campanha que se vota a este sentimento, o odio impotente que se assaca aos que tem a ventura suprema de guiar os actos de sua vida pelas inspirações da Religião, patenteam bem os intuitos destruidores e anarchicos da récula que conspira nos lobregos latibulos de uma cegueira moral.

Ninguem melhor que Victor Hugo verberou nestes ultimos tempos com sua

grande eloquencia esta perversa tendencia d'um mal entendido liberalismo moderno.

« Ha uma desgraça, exclamava o extraordinario orador no Senado Francez, nos nossos tempos, diria quasi que não ha senão uma desgraça: é tendencia de reduzir tudo a esta vida. Dando-se ao homem por fim e por limite a vida material, se aggravam todas as misérias com a negação do que superior: á oppressão dos desgraçados se junta o peso insupportavel do nada, e do que não era mais que o soffrimento, isto é, a lei de Deus, fez-se a desesperação, isto é, a lei do inferno. D'ahi todas as convulsões sociaes. » (2)

Para os espiritos *fortes* isto não passará de um sentimentalismo romantico; mas para a philosophia que penetra o intimo dos intuitos é a irrefragavel verdade a manifestar-se em todas as camadas sociaes.

Si a necessidade do sentimento religioso se faz sentir no homem singularmente considerado donde veio chamar-se o mui propriamente um animal religioso, essa necessidade avulta quando encarado nessas immensas moles que constituem a massa anonyma das sociedades.

Forceja-se por fazer suppor que este sentimento cuja concretisação verdadeira esta no catholicismo, definha, extingue-se nas vascas de uma morte inevitavel.

Entretanto contra esta gratuita asserção balofa protestam (para citar somente os mais conhecidos e que de momento nos occorrem) a profunda crença catholica de um Roentgen cujo raio X revolucionou a physica; de um François Coppée, o mimoso poeta e fecundo romancista, que volta aos arrayaes da verdade confessando publicamente que o seo orgulho rendeu as armas á evidencia do espiritualismo catholico; de um Ferdinand Brunetiere, cujo espirito analitico e perecuciente investigação o eucaminham para a luminosa acropole do Christianismo integral, e que tem tido a rara coragem civica de romper com os preconceitos e affirmar já na *Banqueroute de la Science*, já em notaveis artigos na *Revue des Deux Mondes* e conferencias litterarias, a accentuada tendencia em arte e philosophia para a delicada cultura do idealismo, para a actuação na alma contemporanea dos salutaes principios do Evangelho.

Pereira da Costa Filho condemna a esmola e cita um auctor que pensa que não se deve cogitar e soccorrer os pobres e sim de suprimilos, de acabalos.

E' um dos sonhos do socialismo cujo absurdo emerge logo á primeira vista desde que attender-se que a harmonia em a natureza provem precisamente dos contrastes, das diversidades de posições.

de côres, de som que exornam os seres da creação.

O que se dá na ordem physica, se dá também na ordem moral: o pobre é a poesia da terra que embalsama com as suas raras qualidades de abnegação e sacrificio ambiente viciado e corrupto das sociedades.

Pensamos com o incomparavel Leão XIII, cujas Encyclicas, *monumentum cere perennis*, assombram as grandes cerebrações deste seculo, projectando intensissima luz sobre intrincados problemas que agitam o mundo, que a esmola por si só é improfiqua, incapaz de resolver o pauperismo, a situação dolorosa do proletario.

Não será inopportuno transcrever aqui as sabias normas, os profundos conceitos saturados de sã philosophia, que o Soberano Pontifice emite na Encyclica *Rerum Novarum*.

« Façam, pois, o patrão e o operario todas as convenções que lhes aprofecer, cheguem incluívamente a accordar na cifra do salario: acima da sua livre vontade está uma lei de justiça natural, mais elevada e mais antiga, a saber, que o salario não deve ser insufficiente para assegurar a subsistencia do operario sobrio e honrado. O operario que perceber um salário sufficiente para occorrer com desafogo ás suas necessidades e ás da sua familia, se for avisado, seguirá o conselho que parece dar-lhe a propria natureza: applicar-se-á a ser parcimonioso e obrará de forma que, com prudentes economias, vá juntando um pequeno peculio, que lhe permita chegar um dia a adquirir um modesto patrimonio. Importa pois que as leis favoreçam o espirito de propriedade, o reanimem e desenvolvam, tanto quanto possivel, entre as massas populares. Uma vez obtido este resultado seria elle a fonte dos mais preciosos beneficios, e em primeiro lugar d'uma repartição dos bens certamente mais equitativa. A violencia das revoluções politicas dividiu o corpo social em duas classes, e cavou entre ellas um immenso abysmo. D'um lado a omnipotencia na opulencia: uma facção que, senhora absoluta da industria e do commercio, torce o curso das riquezas e faz correr para seo lado todos os manancias; facção que aliás tem na sua mão mais dum motor da administração publica. Do outro lado a fraqueza na indigencia: uma multidão com a alma ulcerada, sempre prompta para a desordem. Ah! estimule-se a industriosa actividade do povo com a perspectiva da sua participação na propriedade do solo, e ver-se-ha nivelar pouco a pouco o abysmo que separa a opulencia da miseria, e operar-se a approximação das duas classes. Proteja o Estado as sociedades fundadas segundo o direito: mas não se intrometta no seo governo interior e não toque nas molas intimas que lhes dão vida; pois o movimento vital procede essencialmente dum prin-

cipio interno, e extingue-se facilmente sob a acção duma causa externa. Precisam evidentemente estas corporações para que nellas haja unidade d'acção e accordo de vontades, d'uma sabia e prudente disciplina. Não cremos que se possam dar regras certas e precisas para lhes determinar os pormenores; tudo depende do genio de cada nação, das tentativas feitas e da experiencia adquirida, do genero de trabalho, da expansão do commercio, e d'outras circunstancias de cousas e de tempos que se devem pesar com madureza. Façam os governantes uso da autoridade protectora das leis e das instituições, lembrem-se os ricos e os patrões dos seus deveres: tratem os operarios cuja sorte está em jogo, dos seus interesses pela via legitima: e visto que só a religião é capaz de arrancar o mal pela raiz, lembrem-se todos de que a primeira cousa a fazer é a restauração dos costumes christãos: sem ella os meios suggeridos pela prudencia humana como mais efficazes serão pouco aptos para produzir salutaes resultados. » (3)

E assim podiamos encher o *Congresso Academico* com estes verdadeiros brocados ditados pela sabedoria e experiencia do genial cerebro de Leão XIII, cujo pontificado é uma ininterrupta cadeia, de generosas iniciativas e paternal solicitude por todas as elevadas causas humanas que surgem no prosencio da sociedade contemporanea.

O novel confrade do *Commercio de Pernambuco* ha de concordar connosco que para a melhora do proletario, para sua renovação moral é necessario o apoio efficacissimo do Christianismo, da Igreja que é a sua veridica consubstanciação real e effectiva na evolução dos povos e das raças.

Não desconhecerá o intencissimo movimento social impulsionado por Leão XIII justamente chamado o *Papa dos operarios*, a numerosa phalange de notaveis philosophos e publicistas como Toniolo, Conde de Mun, Barão de Nagelsang, Decurtins e outros, que propugnam pelo advento da democracia christã, pela approximação do operario do patrão, estabelecendo medidas salvadoras, dirigindo os congressos operarios, preservando-os do erros socialistas, elucidando as duvidas emergentes e deste modo trabalhando pela estabilidade da civilisação, pela prosperidade das nações sob a base fecunda de um regimen economico democratico-christão.

Já vai longo este artigo e, patenteada a inconsistencia das opiniões de Pereira da Costa Filho perante a philosophia e a

(3) Cartas Encyclicas de Leão XIII. Porto 1893. vol. 2.º pags. 265, 266, 267, 273, 274 e 278.

(2) *Gazette de France*. 1885.

historia, damos dor terminada a questão, promettendo não voltar mais a ella: pois que o órgão, por onde fazemos ouvir as nossas idéas, suspende a sua publicação com o inicio das férias académicas.

RODRIGO COSTA

A Poesia do Direito Romano

(Conclusão)

A synonymia achada veio revelar em tão que o direito não existiu primitivamente sem revestir-se da forma poetica que, na ausencia da escripta, mais facilmente logrou tornar a sua conservação na memoria, conforme a sensata observação de um critico, quanto ao modo primitivo de perpetuar os factos e as conquistas da intelligencia.

Carmen torna-se então a denominação da lei, como mais de um classico pode testemunhal-o.

Para Cicero, por exemplo, essa expressão traduz indistinctamente o canto, o hymno, a formula e o ritual dos antigos sacerdotes, o dogma e a lei (55).

Nada differia quasi da do principe do Forum a accepção que ao mesmo termo empresta Tito Livio, que em mais de uma passagem de suas obras emprega-o com a significação de lei (56).

A *lyra*, demonstra-o Vico na sua *Politica degli eroi*, teve em mais de um paiz o mesmo sentido, e significou igualmente a lei.

“A *lyra*, escreve Theophilo Braga, segundo a prodigiosa indução de Vico, representa a união das cordas ou das forças d'esses patriarchas que fizeram cessar o emprego das forças ou das violencias particulares, pela formação da força publica ou do imperio civil. A *Lei* foi chamada pelos poetas—*Lyra regnorum* (57).

Não ficam, porém, ali as provas que demonstram, mesmo abstrahindo dos symbolos, a grande extensão da influencia da poesia no direito primitivo, inclusive o romano.

O verso foi antigamente a forma obrigada da lei, como demonstram-n'o varias paremias do direito vigente e, mais do que isso, sobejos exemplos do facto.

Em versos escreveram Pittaco de Mytilene, Dracon e Lycurgo as leis de suas respectivas patrias e em verso são as mais antigas leis do Egypto, da Turdetania e de algumas tribus teutonicas.

O Codido de Manu, hoje refundido contava primitivamente cerca de cem mil *stokas* ou versos, e ainda hoje, re-

duzido como se acha, não conta menos de quatro mil.

Todos esses casos illustrativos e muitos outros que podem ser lidos em Chassan comprovam quão extenso foi sobre o direito o influxo da poesia.

Nem outra cousa era de prever em tempos em que as proprias linguas são por sua natureza rythmicas, como o sanskrito, e quasi que podemos dizer o proprio grego, que tanto primara pela harmonia e doçura, tão decantadas pelos poetas, que para explicala foi as vezes necessario recorrer aos mythos, como o das abelhas de Pindaro, o de Deucalião e Orpheu.

Havia de factos linguas antigas que eram verdadeiros cantos, a não ser que minta a opinião dos linguistas que affirmam com Zaborowski que as linguas começaram pela imitação do canto das aves.

Se assim foi, porem, não se me pode negar, sobretudo depois de tantas provas como as que offereci, o direito de affirmar que o direito teve e tem ainda a sua poesia e, restringindo essa verdade ao intuito que tive em vista, formular, como fecho do meu trabalho, a seguinte these, por mais paradoxal que pareça ella.

“O direito romano teve, como os mais, a sua poesia, e essa, ao contrario do que pensam geralmente, foi incontestavelmente mais opulenta que a do direito dos demais povos.”

Recife, 3 de Julho de 1896.

Alcedo Marrocos.

Fundamento do conceito da pena

Pretende-se que para proceder a um estudo da *pena*, para ter uma perfeita intelligencia d'ella na ordem social, seja excusado prescrutar intimamente, na raiz profunda do passado extenso da humanidade, a sua razão de ser.

Com effeito para quem não procura sondar os factos um pouco além de certos limites, conservando-se adstricto, somente, a puras especulações abstractas sem alcance nenhum para as novas ordens de causas, necessariamente, não pôde comprehender o processo de dadas transformações, não pôde conceber as modalidades por que passa um instituto que, a um golpe de vista superficial, não revela os seus caracteres primitivos. E' isto o que se dá com o instituto da pena.

Caminhando de indução em indução na senda juridica que os povos têm atravessado até aqui; vemos perfeitamente que é nas pequenas *políticas*, nas sociedades rudimentares que vamos en-

contrar o germen, a fonte d'este factor social, a *pena*, que de envolta com outros, concorre para esta bella multiplicação do desideratum humano—o aperfeiçoamento incessante. Não é só nas sociedades embryonaris que se pôde procurar o explicação da *pena*, mas também podemos descer ás mais profundas investigações, e irmos encontrar seu germen nos primeiros arbores da vida no seio da terra, abroquelando-nos nos conspícuos recursos da biologia.

Diz um escriptor, citado pelo reformador da sciencia juridica em nosso meio Tobias Barretto, nos «Estudos de Direito» «que uma das maiores e mais fecundas descobertas da sciencia em nossos dias, consiste em ter mostrado que qualquer formação cosmica traz hoje ainda em si todas as phases do seu desenvolvimento, e sobre tudo o que existe, pôde-se estudar, nos traços fundamentais, a infinita historia do seu *fiêri*».

«Ora, isto que é verdade em relação ao mundo physico, o é também em relação ao mundo social. No direito criminal hodierno, por mais regular que pareça a sua estrutura, encontramos signaes da primitiva rudeza—acrescenta o douto mestre.

Realmente, na pena, este caracter de vingança que a revestia, e, cuja mais alta expressão foi o talião, ainda n'ella se conserva.

Antes de entrarmos na parte com que temos de dar o desfecho da idéa que tivemos em mira, penetremos certas considerações para melhor illustração do assumpto.

As diversas feições que tem tomado a pena nos innumeros grupos sociaes, que aqui e alli tem espontado no curso dos tempos, não nos fornecem dados seguros para determinar o seu alcance, a sua missão no cadinho porque a sociedade cada dia procura melhorar as suas condições.

Mesmo, os philosophos criminalistas mais emeritos tem tido ideas diferentes a respeito d'ella entretanto que a esta, uma idéa capital para a sociedade e, é por meio da legislação criminal que melhor se pode avaliar o estado de cultura de um povo, disse alguem.

Para julgar-se de que importancia é a questão da pena, urge ponderar que segundo a idéa boa ou má que do seu conceito tiver o legislador, é claro que ella também será mais ou menos concantea com os fins a que se destina. Por meio do falso conceito que d'ella se fez, houve até escola que chegou ao descalabro de inferir que a sociedade não tem o direito de punir.

Moitos são os systemas penaes que tem apparecido, como sejam o da *vingança*, o do *contracto social*—theoria dominante no seculo XVIII expendida

(55) Tarde—Ob. cit.

(56) Theophilo Braga—Poesia do Direito, pag. 60

(57) Idem ibidem pag. 22.

por Hobbes e Rousseau, *o da defesa legítima, o da utilidade geral*, etc.

Não me permittirei falar de cada um separadamente, para não alargar demasiadamente as raias do artigo apenas observando que a fragilidade d'esses systemas, provem de um ponto precipuo em semelhante materia, que justamente o verdadeiro supporte das novas idéas criminalísticas — o estudo do criminoso. Assim, enquanto a escola positivista se adstringe, por meio do methodo da observação, ao estudo do criminoso no meio cosmico e social em que vive, para d'aí tirar os bellos doutrinamentos, que tão ineluctaveis scentellas de verdade tem espalhado, os criminalistas classicos procedem de modo diverso, considerando o crime como entidade abstracta, pairando nas puras regiões do incognoscível, e, ainda mais, procurando o fundamento racional da pena, abstractamente considerada, sem attender ao desenvolvimento historico do seu correlato — o crime, como diz Tobias Barretto.

Sem as idéas elucidadoras que a nova escola penal tem em direito criminal, cada systema tomando, pois, uma feição especial nas suas ponderações, veio, como consequencia logica, essa multiplicidade de systemas divergentes que declinámos acima.

Para finalisarmos, vamos procurar recursos nas theorias que tem por chefe Lombroso e por orador Ferri, de quem especialmente nos acostámos para o emprehendimento d'este fragil trabalho.

Não pretendemos entrar em um desenvolvimento delongado das argumentações por demais convincentes que lemos na «Sociologia Criminal» de Ferri, embrenhando-nos em dados de sociologia e biologia, para bem esclarecer o nosso intuito, o que aliás, seria de grande effeito.

Basta, porém, que para mostrar onde a pena tem seu fundamento, sua legitimidade, consideremos no que se segue.

Para a nova escola penal, a função defensiva da sociedade é inteiramente extranha a qualquer condição de imputabilidade moral do delinquente, a passo que, para a escola tradicional, e imputabilidade é condição *seu* *qua non*, para a punição do culpado.

E' bem palpavel, que sendo a sociedade um organismo que, como os demais, luta pela sua conservação, toda a infracção, dirigida ás suas condições existenciaes, deve immediatamente ser refreada separando-se, do convívio dos demais, o auctor da desordem, seja elle qual for, pelo mesmo motivo que o individuo quando aggreddido, procura se defender, pouco lhe importando o auctor da aggressão.

Ao passo que, a escola classica, com a sua idéa predominante de imputabilidade põe em liberdade muitos criminosos

terríveis, somente pelo facto de terem agido fóra da sua liberdade moral, e aor contragolpe, não terem podido obs para o impulso do crime.

E' bem de ver, que não se queira pensar que a nova escola tenha em vista tratar egualmente a diversidade de individuos que attentam contra a ordem social, quando se trata de applicar a pena, o que alguém poderá pensar. Absolutamente não.

O louco de forma alguma deve ser equiparado a um criminoso nato, por exemplo, nas applicações penaes.

A este respeito, o que constitue condição essencial é o gráo de temibilidade do offensor, isto é, deve-se somente ter em linha de conta a circumstancia da que foi revestido o crime.

Quanto á comparação que fiz acimante o organismo social e individual, não me propunho justificar aqui, para não me alongar mais, enviando, porém, a quem exigit-o para a obra já citada de Eurico Ferri na parte em que elle trata — da theoria positiva da responsabilidade penal.

Em conclusão, achho que é na defesa social que se deve encontrar o fundamento da pena, a semelhança do que se dava nas sociedades sociedades primitivas, onde encontramos essa defezo sob um aspecto todo natural, parecendo dar affirmção á judiciosa expressão de Goethe « a humanidade parece voltar

obre seus passos. « Esse dicto é uma grande verdade, porem, é preciso acrescentar, como muito bem disse Ferri, que esta volta não é uma repetição pura simples: mas é o acabamento d'um cyclo que leva consigo os effeitos e as conquistas da longa evolução preecedente, e é portanto bem superior na realidade das cousas e na consciencia humana, ao seu embryão primitivo. De maneira que, realmente, ella não segue um circulo, porem, sim, uma linha espiral.

Um exemplo para finalizar.

Segundo Spencer, na esphera politica a vontade de todos, que é o elemento preponderante na humanidade primitiva, cede logo de epocha em epocha á vontade de um só, ou, de varios, e tende a tornar-se soberana com o triumpho da democracia.

Assim tambem, a pena que atravessou diversas phases, começando pela *natural* (1), tende presentemente a completar o seu cyclo com a phase *social*, que é o fac-simile d'aquella, trabalhado pela evolução, depois de atravessar as phrases *religiosas, ethicas*, procurando actualmente se escapar da phase juridica dominante na escola classica.

Geroncio Carvalho.

(1) Ferri, Sociologie Criminelle.

Les arbres qui pleurent.

(VERSÃO DO FRANCÊZ DE LEON NEMO, A PEDIDO DA EXM.^a Sr.^a
D. AMELIA BEVILAQUA)

Ao poeta — Pethion de Villar
Homenagem fraternalmente affectuosa.

Cessou o vendaval. A escuridão intensa
Desenluctando o céu revôa e se esvaece
Qual fugindo á borrasca luctuosa, immensa
Um navio do porto ás agoas adormece.

O crepe de torpor, que os astros esplendentes
Velava, se espedaça... e em fulva hilaridade
O cruceiro do sul, nos páramos nitentes
Sobre o céu tropical projecta a claridade,

Dos altos coqueirões suspendidos, gigantes,
Qual tremula canção — esparzem-se n'alfombra
Gottas d'agua sem ruido, e os coqueirões distantes
Porpeiam a fremir como um frouxel de sombra.

Então parece a mim que os coqueiros deploram
Se encontrarem a sós, frios, sinistramente,
Que as gottas são talvez suas almas que choram,
E o vento que os agita é um soluçar plangente.

E minh'alma semelha as franças, que estremecem,
Seu pranto dentro em mim resvala gemebundo,
E deixando vôrem me os sonhos que fenecem
E' um tumulto meu ser, que esconde-os profundo.

Recife 8 de Outubro de 1898

AUGUSTO MEIRA.

A ESCOLA

Ao distincto amigo e collega

DR. M. C. PEREIRA DIEGUES JUNIOR

Entrae ! Sem medo entrae no templo da Verdade !
Na Escola — o tabernaculo — da idéa nova,
— O sol d'onde irradia intensa claridade.
A luz que banha a alma e o nosso ser renova !

Entrae ! Sem medo entrae ! aqui borbulha a paz,
O amor, a caridade — em riso meigo e dôce...
Dizei-me : não sentis, que a alma se compraz
Que desta forma — assim, a vida sempre fosse ?

A Escola é — o santuario — augusto da Razão !
O livro — o Evangelho — ingente do Direito !
Abril-o da pobreza — na calosa mão
Não é só um dever, mas é commum proveito !

E nós que não perdemos a luz que gera o bem,
Que temos no imo d'alma a voz da consciencia,

— Lutemos contra o mal e o vício que advem,
Erguendo do operario a rude intelligencia !

Digamos á criança : — a escola è salvação !
— O mestre é vosso amigo, e vos queremos bem !
Levemos á su'alma, á juvenil razão
Os grandes sentimentos, — a fé em Deus também.

Saibamos nós cumprir — esse dever sublime
Apostolos sejamos á nova geração...
Em cada mão um livro — e cada livro ensine
— Fazer de um paria um grande cidadão.

Da vida corre os plainos a legião ouzada
Do Mal, trazendo á frente o facho da discordia...
Ergamos nós a flammula — augusta, abençoada
Do Bem, da Caridade... o riso da Concordia !

Assim vencer, assim, — os batalhões do Mal :
— Ao grito da protervia oppor o verbo puro.
E em cada novo dia — na Escola triumphal
Cantae, filhos do povo, o hymno do Futuro.

MEIRA E SÁ

CHRONICA

— Da Bahia recebemos a seguinte carta a qual já respondemos, enviando alguns numeros do Congresso Academico.

“Bahia, 22 de Outubro de 1898.

Illms. Sr. Redactores do Congresso Academico. Leitor assiduo do vosso jornal no Instituto Geographico e Historico d'este Estado e alumno da Faculdade Livre de Direito, n'esta capital, venho solicitar-nos pela presente a remessa da folha que com tanto talento e criterio redigis.

Sendo a assignatura tãmensal, rogo-vos a fineza de communicar-me por escripto de que modo poderei satisfazer o custo da minha assignatura se por vale postal á essa redacção dirigido eu por outro qqualquer meio á escolha d'essa illustrada aggremação de moços cultores das lettras.

Crendo ser satisfeito no meo pedido peço-vos que acceiteis os votos que faço para a continuação d'esse tentamen na faina gloriosa da imprensa ante o m-differentismo reinante e o pouco apreço em que são tidas as revistas que mais se impõem á acceitação popular.

Tenho a honra -e assignar-me.

De V. V. S. S. Amigos attento e Collega Obrigade—Adolpho Guimarães Santos Silva,

— Temos a satisfação de publicar n'este numero do Congresso Academico um bello artigo do nosso illustrado mestre Dr. Laurindo Leão para o qual chamamos a attenção dos nossos leitores.

— Do Dr. Meira e Sá, distincto irmão de Augusto Meira, transcrevemos a sua bella e conhecida poesia — A Escola.

— A Directoria do Club Litterario de Palmares nos enviou um convite para assistir-mos a uma sessão litteraria e sarão dançante na séde do mesmo club na cidade de Palmares: tam-bem o numero unico de um jornal do mesmo nome dedicado a solemnisação do 16º anniversario da fundação d'essa aggremação litteraria. O Club Litterario de Palmares transcreve a impressão de viajantes illustres que visitaram-nos entre estes notamos os nomes de Clovis Bevilacqua, Gaston de Orleans (Conde d'Eu,) Silva Jardim, Joaquim Nabuco, Phaelante da Camara, e outros.

Felicitamos o Club que vae derramando no meio do povo o pão do espirito de que tanto precisamos para o levantamento moral e intellectual de nossa Patria.

— Temos em nosa banca o Pequeno Boletim do Conselho Central do Recife da Sociedade de S. Vicente do Paulo relativo ao mez de Outubro. Como os anteriores sempre mimoso e variado.

O Cearense organ da colonia cearense no Pará; O Baluarte da Fortaleza; Gazeta de Uberabinha, publicações enana da qual é redactor o Dr. Nodden Pinto que a pouco deixou os bancos academicos e compartillhou conosco dos mesmos triumphos litterarios. O Congresso Academico agradece a visita do collega fazendo votos pela longa visita do novo batalhador das aguas pacificas nas ardorosas da imprensa.

— Continuamos a receber a visitas asi-

dua dos nossos illustrados collegas da imprensa: Provincia, Diario de Pernambuco, Commercio de Pernambuco, Jornal do Recife, Era Nova, Pequeno Jornal, o n. 1 de 15 de Outubro d'a Crença, Lanterna Magica, Tentamen: O Anjo do Lar, órgão dos Azylos Internacionais Protetores da Infancia do adiantado Estado do Pará sob a direcção do illustrado Dr. Paulino de Brito e do Dr. Esmeralda Cervantes; o n. 3 de 16 de Setembro d'O Euterpe, com uma esplendida homenagem ao immortal Carlos Gomes seguida de artigos de conhecidos litteratos belemnenses Bertoldo Nunes, Theodorio Rodrigues e outros; O Commercial de Cametá no Pará; O Piahy, de Terezina; O Estado antigo Ceará órgão diario, da Fortaleza; A Verdade, da Fortaleza; A Ordem de Sobral; A Razão, de Sergipe; O Vigilante, de Alagoas; A Palavra e trabalho, de Penedo; o fasciculo 55 da magnifica Revista Catholica e A Ronda Jornal que advoga os interesses municipaes, do Rio de Janeiro, A Gazetinha, folha que passou a ser diaria, de Porto Alegre.

— Do Exm. Sr. Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Joaquim Arcoverde recebemos um interrsante trabalho — o Divorcio onde se acham enfeixados uma serie de artigos publicados no Jornal do Commercio do Rio e um notavel discurso de Monsenhor Guedelha Mourão, pronunciado na Camara dos Deputados, sobre a importantissima questão que se debate no Congresso Nacional.

— De Pariz enviou-nos o Dr. Oscar Leal alguns volumes do seu ultimo trabalho Manoel de Souza; Do Sr. Dia Barroso recebemos a Bertinda. Agradecidos.